

A Configuração da Ilha na Obra Poética de Ruy Cinatti

Maria Teresa Nascimento

(Assistente da Universidade da Madeira)

Diz, de si próprio, Ruy Cinatti ser «um coleccionador de ilhas¹». Do homem-viajante que assim se afirma, conhecemos, desde sempre, o sonho pela ilha.

A primeira viagem foi à Berlenga. Da leitura dos livros de Alain Gerbault, depois procurado no cemitério de Díli, «(...) em que tudo era referente aos mares do sul, porque eram ilhas edénicas, com mulheres lindíssimas, nadadores esplêndidos que mergulhavam em busca de pérolas, etc [conclui Cinatti:] (...) todo aquele sonho me dominou e acabei por ir para Timor, que era uma ilha dos mares do sul e ao mesmo tempo era portuguesa²».

Timor faz-se, assim, poesia e, com ele Cabo Verde, S.Tomé e Príncipe e outras ilhas...

À leitura da Obra Poética de Ruy Cinatti não passará despercebida a frequência com que a realidade ilha aflora à sua poesia, seja a instituída por via lexicográfica, seja a que nasce da instituição de redes de significado potencializadas pelo próprio espaço da insularidade.

Teremos, assim, desde logo, que distinguir a ilha de contornos indefinidos, ideal, objecto abstracto, inespacial, da ilha geograficamente localizada e, por isso, mais marcada por uma relação com o real, sem se pretender, todavia, a afirmação de que, da ilha, espaço objectivamente delimitado, vivido, esteja ausente a capacidade evocadora, sugestiva, que confere ao texto a sua poeticidade. Parte-se, isso sim, do real concreto para um real sugerido.

A viagem é componente essencial da poética de Cinatti, tal como se depreende do título da tese, *Ruy Cinatti - em trânsito*, de Maria Margarida Ribeiro, é também, afirmamos nós, o elemento propiciador da abordagem da ilha.

E em "Bilhete de Identidade" o poeta faz a sua individuação apontando a sua singularidade de estrangeiro e peregrino, sempre em relação com a ilha:

Sou um estrangeiro, sou um peregrino...
na terra onde nasci...Londres...by all means...
e assim tenho andado perdido de ilha em ilha...
Berlenga...Grã-Bretanha...Madeira...Cabo-Verde...S.Tomé
e Príncipe...Timor
e todas as ilhas da minha adolescência e da adultez...
a minha ilha de Deus... da comunidade colectiva
e individual...ó Jesus Cristo!... a única...
que pode fazer feliz um pobre diabo de Homem³

Num dos seus primeiros livros intitulado *Nós não somos deste mundo*, de 1941 e, em particular, num grupo de poemas, designado como "Poemas da Viagem", surge, em equação, a ilha como espaço de possível chegada - ilha indefinida que o canto actualiza, numa pretendida diluição dos tempos, do tempo da adolescência em que, qual cristal, a ilha se manteve, do presente, tempo de espera e o do futuro, de antevisão - «Suave, doce, lânguida ilha/Aberta como flor na distância do mar,/Prolonga um pouco a virginal beleza,/ Atende, espera!... minha alma suspensa/ Em ti respira - corola do mar./(...)Um

dia te hei-de haver com tal violência, /Túmulo do que em minha alma há de imortal!“. Desde logo, pois, o que aqui se institui como signo é a beleza que conota paradisiacamente este espaço, com o qual adamiticamente se pretende a irmanação, espaço, ainda, indissociável dos elementos primordiais de Terra, Água e Fogo.

Mas a poetização destes espaços surge ainda indelevelmente ligada ao próprio tempo. Em Cabo Verde, S. Tomé e Príncipe e até Timor, a poesia vive de uma interligação de tempos vários: de um passado de descoberta e colonização, de um presente que se quer de diálogo, de um futuro premonitório.

Comecemos, então por Cabo Verde e façamo-lo afirmando que em *Crónica Cabo-Verdiana* o discurso se constrói entre o registo factual e o pessoal. E para essa constatação, não é elemento despiciendo a inserção, na maior parte dos poemas, de uma estrofe final, graficamente marcada pelo itálico, pretensamente atribuída a outra voz, a de um autor cabo-verdiano inventado, J.C.Delgado⁵.

Mencionemos, em jeito de intróito, o poema introdutório do livro, "As moscas". Título insignificante, dir-se-á, mas esta menoridade deixa de o ser quando transposta para uma realidade que nos confrange, a de que os insectos se alimentam de uma mulher que morreu de fome. A abordagem da ilha faz-se logo pela fome, posta de parte qualquer aproximação, de carácter paisagístico ou de outra ordem. Na verdade, na poesia sobre Cabo Verde, o que importa, sobretudo, são os problemas da ilha, insistentemente referidos: a fome, a seca, as condições económicas, a demografia, e o poema faz-se estatística, indica a frieza dos números:

Tudo morria de fome.
Passado tempo,
era a explosão demográfica!

158 mil
para 258
mil almas.
Morreram post-batismo
27 mil...⁶

Mas já o mesmo distanciamento se não consegue quando são as crianças que se convertem em poema, poema de dor, feito aos que têm «Barriga de esfera» e «As pernas, dois ossos/ mais estreitos que os pés./Bracinhos- gravetos/ que tão-pouco servem para acender o lume». E o poema quase se faz ladainha: «Que vêem meus olhos senão o que vêem?», seis vezes repetida a visão obsidiante, seis vezes, introduzindo ela versos de inocência infantil, de culpa, sem ser culpa dos pais que bebem grogue, uma vez modificado o verso anafórico - «Que vêem meus olhos além do que vêem?», para mostrar que «Todas têm alma/que oferecem, de graça, / a quem lhes quer bem.».

E se, relativamente a questões como estas, o que podemos constatar é a presença de um sujeito-observador, feito poeta, o mesmo já não podemos encontrar em outros poemas, onde a voz é dada a personagens, habitantes da ilha ou de passagem.

Assim, sucedem-se, perante nós, tendo por detrás ecos de melodias de violão, vozes de nativos, de governadores.

Neste registo, tendencialmente factual, surge então a história do povoamento das ilhas, a explicação da sua aridez pelo mito do chibinho, a sucessão de governadores, bem como ainda algumas reflexões sobre a condição da mulher e a do ilhéu. A ligação entre as duas últimas é intrínseca e

necessária. Na verdade, é a insularidade e, especificamente, esta de que se fala, a cabo-verdiana, a responsável pela emigração, pela solidão feminina, pelos filhos de vários pais, sem pai:

És tão vagabunda
que nem um filho tens,
nem sequer respeito
ao homem com quem dormes.

Porque eu só tive um homem
que me deu filhos a metro
e depois me abandonou
mesmo a morrer à fome⁸.

É a crónica, ainda nesta primeira parte do livro, a perder alguma da factualidade e a proceder ao registo da condição de ilhéu, dada em solilóquio, feita de mar, de montanha, de vácuo e de mulheres. Mas é ainda a preocupação documental que aflora em "Condição de Ilhéu", vindo sustentar uma relação irónica com a fartura da proporção feminina sobre a masculina e a pobreza económica.

Mulheres.

*Em Cabo Verde há catorze
delas para cada homem.
Fartura, ou
causa económica:
emigração⁹.*

A 2ª parte do do Livro - "A sociedade em várias vozes" - assume um discurso polifónico, assente numa expressão poética focalizada por olhos vários, dita por várias vozes, numa constatação de que o real não é redutível a uma única visão.

O sonho passa agora a constituir-se como elemento intrínseco daqueles que, confinados ao espaço do vácuo, das montanhas, aspiram a outras latitudes.

O grogue e o embalo da música dolente, o mundo "lunar" nem sempre conseguem obnubilar o desejo de partir:

Tenho o coração dividido,
bem sei, mas hei-de partir
para vir morrer aqui
- para nunca mais chegar¹⁰.

E algumas vozes correspondem-se noutras, e porque numas surge o apelo de longas distâncias, outras vozes se levantam e fazem eco da solidão.

Ao lavrador cujo chapéu de palha, calças e camisa, como ele próprio afirma, falam por si, rejeitado por um filho que vive na vila, separado de outros que partiram para Lisboa ou Timor, nada mais resta do que ele e a velha «aqui sós, como perdidos¹¹.»

Resta ainda a pobreza, permitimo-nos acrescentar, uma horta de subsistência, quando bafejada pela chuva, mas sobretudo, a simplicidade, a hospitalidade modesta com que se abrem portas, se desvelam interiores e se mostra tudo o que se tem e mais se não oferece porque não há.:

Mas beba, que é boa a cana
e dá força e alegria..
Diga ao senhor governador

O que viu na minha horta.
E já agora, estas flores.
São poucas e mirradinhas.
Leve-as, senhor doutor,
prá sua senhora¹² .

Realce-se o tom deliberadamente coloquial, na presença de um suposto interlocutor, como a expressão aqui privilegiada para a objectivação da autenticidade dos sentimentos. Assim se conforma o sonho dos que ficam e esperam a passagem do tempo com o daqueles que, não tendo partido ainda, visionam já o regresso da «Terra do mundo» a que possessivamente chamam sua, para a terra do coração.

O regresso antevê-se como transformação, intervenção e melhoramento das rudes condições de vida, apetrechado de conhecimentos tecnológicos que suplantem o determinismo das condições climatéricas¹³.

No fundo, a ligação à ilha parece condição indissolúvel de todo o ilhéu e o furriel miliciano em comissão em Cabo Verde não consegue esquecer as suas origens, e ele, também de um arquipélago, o dos Açores, anseia pelo regresso, embalado pela música do vento que lhe traz memórias de outras ilhas – as suas. Lenitivo, o mar, memórias de outros espaços e de outros tempos de infância, lenitivo ainda, a inebriação dos sentidos – uma mulata faz o tempo passar – «Falta ainda muito tempo/ para partir de Cabo Verde¹⁴».

Uma vez mais se pretende inculir à crónica o carácter de documento – as memórias do furriel surgem ancoradas dentro da sua própria escrita, da sua prosa. Como se de um texto outro se tratasse, afloram ao poema fragmentos que suportam a sua verosimilhança e um deles é também aquele que, pelo seu próprio significado, se constitui como conclusão, como partida da ilha e do livro, mas também como o eco melodioso do violão em noites de luar – “a hora di bai”. De Cabo Verde ficam, pois, a temperar a aridez da ilha, o encanto das gentes, das vozes que, sempre ao longo do livro, se confundem com a própria música.

A passagem para S. Tomé e Príncipe, onde a música se não faz já ouvir, ganha, todavia com o cenário natural. O título *Lembranças Para S. Tomé e Príncipe* institui, desde logo, a poesia como celebração ulterior do arquipélago. E o poema inaugural “Memória antiga”, mais não faz do que confirmar a relação existente entre a memória e o tempo. A memória não é, afinal mais do que a ponte entre dois tempos, objectivada na ilha que o poeta em adulto revê, procedendo a uma construção que é também a da poesia.

O tempo-memória é um motivo que atravessará todo o livro, arte da memória, memória distante quase apagada, a da própria história da ilha, ilha revisitada.

São muitos os elementos que fazem deste arquipélago um arquipélago-memória. Começemos pela História que se pretende refazer pela memória, “Memória Antiga¹⁵” do poema assim designado, História, iniciada através do “Pórtico” pelo qual se aborda a ilha, mas «já pouco resta/ que nos ilustre os caminhos seguidos¹⁶» das suas paisagens e das suas gentes.

Detendo-nos na paisagem, não deixará de nos chamar a atenção a sua exuberância, também exuberantemente significada pela linguagem que, aqui, perdeu alguma da sobriedade que a caracterizava em *Crónica Cabo-Verdiana*. Talvez por isso, a ilha aqui tenda a esgotar-se nela própria. Em Cabo Verde, ainda que o signo *ilha* não possa ser esquecido, ele significa mais pelas consequências que arrasta do que propriamente pela sua essência. Aqui, em S.

Tomé, a ilha-só é já significativa. Não é por acaso que também neste livro o lexema ilha aparece com uma recorrência que ainda não encontráramos e, raramente, é utilizado como referente. Aqui, o poeta, inebriado pela beleza, tem necessidade de a exaltar constantemente. A ilha é edénica⁷, é idílica⁸ e constantemente louvada é a sua frescura.. A ilha é uma profusão de cores, tal como é descrita em "Panorama":

São quilómetros a perder de estima.
Verdes, azul-mar e céu.
Vermelhos-tinta, lilás, de acalifa
A cor das sebes, e o que se esqueceu...⁹

A ilha é, ainda, encantamento que se teme ver perdido e desmoronado, porque a missão da ilha é «renovar espantos singulares²⁰». E, no entanto, apesar da visão de encantamento, a poesia faz questão em afirmar a ilha, objecto concreto revisitada por um «navegador de outras eras» que insiste em desfazer o alegórico, substituindo-o pelo concreto dos movimentos. O pasmo transforma-se em movimento de salto e actualiza-se pela fala, experimenta-se pelo gosto²¹.

E, todavia, em S. Tomé, apesar do movimento, insistentemente repetido, ao longo das quatro estrofes constitutivas do poema "Transunto Santomense", da integração na ilha - «Integro-me na ilha» - a solidão surge como um facto insuperável e ao poema se convoca António Nobre, ele só poderá dizer aquilo que o sujeito lírico não pode ou não sabe²².

Trata-se, a nosso ver da articulação desta realidade com outro vector já anunciado - o das gentes. Na verdade, aqui neste livro, embora se adivinhem alguns vultos eles são quase desprovidos de voz e o silêncio impera. Em Cabo Verde, víramos como sobre o arquipélago eram chamadas a pronunciar-se algumas vozes. Aqui, há apenas uma voz única, a do sujeito lírico que relembra a ilha através do seu olhar, dos seus passos e das suas gentes que só vivem porque ele as faz viver.

O pastor, o lavrador, a mulher, o furriel miliciano e outros tinham voz em Cabo Verde. Em S. Tomé e Príncipe, a gente do mar deixa-se observar e até a mulata de quem se diz querer falar, apenas «Sorri. /Mede distâncias²³.» Iguamente de, «Os foragidos da casa paterna», do poema "Sobreviventes" apenas se indica que «adejaram, ouviram, melindraram uma face pálida²⁴».

O que prima, então, é a ausência de ruído, na rua o silêncio é tanto que o poeta ouve o silêncio dos seus passos e ouve ainda o silêncio do mar nos seixos rolados²⁵. Tudo aquilo que poderia ser audível não o é, nem mesmo o próprio pássaro anunciador de chuva .

Antes que a chuva caísse
não ouvi o passarinho
que a anuncia em S.Tomé,
mas vi-o embalsamado
no museu de certa roça
de cacauero e café²⁶.

Já não estamos em Cabo Verde, lembramos. Em S. Tomé chove e aí a água permite mesmo a construção de um poema intitulado "Tema e variações", poema sem som, ainda assim, a chuva não basta para romper o silêncio - «Nunca sei quem me responde/ se pergunto, em S. Tomé²⁷!»

No fundo, o silêncio inscreve-se no próprio tempo. As ruínas, as estátuas, as fortalezas nada fazem significar em silêncio, num tempo que se mede só através da sombra, tempo

que se entende apenas como conclusão do instante., tempo que é lento, como lenta é a aproximação da morte.

Presente e passado assim se confundem: «A natureza rasura vesrígios/ de um presente vivido algures no tempo²⁶».

E do futuro nos fala o poema assim intitulado. As crianças, semelhantes às garças, que pairam na cidade têm como "Amanhã o dia d'hoje."

E é a garça a permitir-nos a passagem para Timor, não só para que não nos alonguemos em demasia, mas também porque esta ave, poisada sobre o boi surge como elemento integrante da paisagem em "Um Soneto...Timorense"

Quando pelas tardes garças se levantam
voando, levitando pontas de asas,
até cair nos dorsos, sofreadas,
de bois que pascigam livremente
o tempo imemorial que lhes foi dado²⁷,

Timor, que agora abordaremos, adquire um espaço relativamente extenso na Obra Poética de Ruy Cinatti, recorrente em livros vários: *Uma Sequência Timorense* (1970), *Timor-Amor* e *Paisagens Timorenses com vultos* (1974) e alguns dos 56 poemas - "De ali também Timor" (1981). Alguma da heterogeneidade temática que afecta esta produção poética sobre Timor pode ser explicada até pela própria datação dos livros. Mas, independentemente de considerações políticas que se possam vir a tecer e apenas as possibilitadas pela escrita poética, importa agora reflectir ainda, numa fase de apreciação facultada pelo olhar sobre a ilha, na sua consideração enquanto espaço idílico, em poemas inseridos no *Livro do Nómada meu Amigo*. No poema "Visão", por exemplo, a ilha afigura-se como um sintagma aglutinador no qual convergem elementos marítimos encantatórios, como as sereias, ondulações magnéticas e apelos de miragens. E pertinentemente, Alain Gerbault, é convocado ao próprio poema, que lhe é dedicado.

Ilha , ainda, é prenúncio de arvoredos! "Ave"²⁸.

Está, pois, aberta a senda para *Uma Sequência Timorense* e para alguns dos seus títulos cuja leitura nos direcciona, à partida, para uma oscilação entre o referencial e o emotivo, viabilizando o aparecimento nesta obra de "Gondões de Díli", "Parde em Fatu-Cama", "As Camenassas de Díli", "Assoreamento da baía de Díli", etc., etc., entremeados com outros poemas, como "Primeira Meditação, 2ª, 3ª, 4ª, 5ª"...

Uma leitura mais atenta, complementada ainda pela justificação autoral que antecede o livro, faz-nos concluir que, a despeito das diferenças sugeridas pelos títulos, a tónica comum é a da prevalescência do olhar crítico do fitogeógrafo e do antropólogo, atormentado pelos desmandos cometidos contra a paisagem, ou contra o património cultural. Segue-se, assim, a denúncia dos atentados perpetrados contra a natureza pela mão do homem, esquecendo mesmo que as florestas eram sagradas no imaginário timorense - "Morte em Timor" .

Sobre Timor um fogo fino paira,
alastra, crepita quando da terra se aproxima
e crescente, envolvente, cerca os montes
e coroa se afirma

(...)

Minha incompreensão em vão procura
ressuscitar as crenças vãs de outrora,
os bosques sagrados onde o frio habita
no temor que as mãos prende e petrifica²⁹.

"Em Fatu-Ahi" é um longo poema de revolta que se faz sentir, porque à floresta sucedeu o capim, porque « a gatinha de tornaviagem» tudo destrói, por isso a linguagem faz-se meta-poética, o poema reflecte sobre si próprio e altera os versos metafóricos primeiramente construídos - «Não serve, não é isto, o meu poema/ tem subtilezas, eu que o diga, mas quero-me directo, como o dito/murro nas ventas. Quero dizer/ que quando chegam deitam fora as crenças, o pouco, talvez melhor, do que traziam. Depois, a valer, tripudiam/até mais não poder, Constroem casas/maculam a baía até ficar parvinhos, mas prepotentes³²». E os poemas sucedem-se entre a exaltação da paisagem, às vezes transposta para outra realidade, como a do Alentejo em "Entre manatuto e Laleia" ou para a semelhança entre um castelo do Reno, «ruína/ fingida, de Évora, à/Cinatti³³» e a sua destruição «para fazer a casa /do chefe de posto. / O meu poema/suporta o incêndio, a cheia, a lotação/ esgotada. Não suporta/ estupidez. A paisagem, pois,/prosegue, exulta nos livros que escrevi³⁴».

A propósito *De Paisagens Timorenses com vultos*, diz Jorge de Sena que «Timor não é uma paisagem literária, ou um daqueles mundos a que os poetas se agarrem para criar-se uma pequena mitologia própria; é mais: um objecto em que se concretiza a aproximação do poeta consigo mesmo e com a vida humana dos outros. (...) Estes sentimentos hoje tão impróprios se não revestidos de roupagens rítmicas e metafóricas que servem, muitas vezes, a esconder a indigência da sensibilidade, é também saudável e 'poético' encontrá-los numa aparente espontaneidade prosaica e desarticulada, num país onde as habilidades ostensivas começam a valer mais que a experiência funda de haver escrito versos por décadas, com a ciência que a vida dá só a quem viveu, e no convívio de uma consciência culta com a grande poesia deste mundo³⁵». Foi essa espontaneidade prosaica e desarticulada, como afirma Jorge de Sena, que fez sentir, provavelmente, a Ruy Cinatti, a necessidade de introduzir, para a sua poesia, maioritariamente, a contida neste livro, aquilo que ele designa como "Notas aproximativas a alguns poemas e uma advertência". Na verdade, explicações sobre muitos dos poemas que radicam a sua construção num universo de mitos timorenses, mitos como o do Tata-Mai-Lau, como o do arroz, o de alguns ritos sa-crificiais, revelam-se necessárias para um leitor que desco-nheça estes referentes culturais. Mais, se a menção à construção da "Palinódia com Fernão Mendes Pinto de Permeio" a partir do texto da Peregrinação, já se não afigura pertinente para o comum leitor português, até porque os referentes do poema de Cinatti, conduzem inevitavelmente a esta conclusão, o mesmo já se não pode dizer no que respeita a "Variações sobre o mesmo tema" para cuja redacção se aponta o hipotexto de Henry Forbes, de 1883, com *A Naturalist's Wanderings in the Eastern Archipelago*³⁶.

Mas, para além do que já dissemos, outras reflexões importa aqui trazer sobretudo quando deparamos com os poemas *Para uma corografia emotiva de Timor*, subdividida em "Chegada", "Viagem pela zona oeste", "Díli, arredores e gente", "Viagem pela zona leste" e "Partida" em que o que o que predomina são as impressões fugazes sugeridas pela viagem, em que o olhar não se limita ao registo do factual, mas parte sobretudo para a tradução elíptica de sentimentos ou experiências do sujeito-observador. Com efeito, esta paisagem timorense apresenta, como o indiciado pelo título, alguns vultos e eles, muitas vezes, dada a instantaneidade da sua referência, resultariam quase imperceptíveis, não fora a explicação autoral a adiantar-se.

A viagem surge agora dentro da própria ilha e a partir dela o olhar aflora quase fortuitamente, fugidamente, lugares, gente anónima, como as

Mulheres de...
oferecidas pelo chefe
a troco de...
sabonetes”.

numa clara denúncia da exploração dos nativos. Por entre de retratos destes perpassam os de governadores, para quem o governo da terra é marca de exploração. “Governador, não! -Astucioso/tiranete”.

Timor é, para o poeta, a palinódia que se configura como sinédoque da que todos os portugueses deveriam assumir. Num texto construído, como já referimos, sobre a Peregrinação, porque também é Peregrinação a longa viagem que este sujeito lírico efectuou pelas mais diversas paragens,

Timor foi lição de mira e de contacto,
esquadria e facto,
peregrinação-alegoria
igual à tua - de Lisboa à China,
da China ao Japão,
passando pela Áurea-Quersoneso.
E acrescento ilhas do Pacífico.
Terras da Austrália e do México”.

Enceta-se o diálogo, não apenas entre textos, mas também entre personagens. A presença de Fernão Mendes Pinto é manifesta, não apenas pela menção expressa ao seu nome, como também ainda por referências várias a deícticos de 2ª pessoa. E a presença do sujeito lírico faz-se numa oscilação entre a 1ª e a 3ª pessoas, esta a dos Portugueses que ele critica ou de quem se demarca pela palinódia: «Quanto a ‘gemidos e súplicas’, ó Pinto, eu não minto, não, ó Fernão Mendes, /se sentir minha a tua palavra./ O português anda adormecido/ à beira/da loucura - sonho da razão/sem relação/com a Natureza”». Também S. Francisco Xavier é convocado ao texto e, a propósito conjuga-se o verbo *rápia*, *rapias* (flexionado como não o faria o santo) verbo transitivo que se pratica.

É lugar comum nos portugueses
de muita feição
e dos empresários -acrescento-
meus contemporâneos,
que falseiam marcas,
pesos e medidas,
sejam de consumo
ou nuvens de fumo
os bens desta vida
e viva quem dispensa comentários!
O resto...memória...
não o escreve a História”.

A crítica aos desmandos que se praticam em Timor é, na verdade, contundente, mas a complacência é atitude também do poeta, quando o discurso o inclui num nós que passivamente contempla «feitos ilustres - balaústres, /estátuas, discursos...”»

Mas este poema vai mais longe pela sustentação que nele se faz das premissas da Peregrinação. Citando este outro texto, diz o poeta «de duas há-de ser uma, /ou destruir-se este Achém/ ou virmos a perder toda a banda do Sul, como é Malaca, Banda, Maluco/, Sunda, Bornéu e Timor...» E da lavra do poeta acrescenta-se: «O que foi, aconteceu, / menos por enquanto, Timor...”». Por pouco tempo mais, diremos nós.

E se a palinódia se inscreve de alguma forma num contexto cristão, pelo menos no poema de que agora falámos, não deixa o poeta de recorrer, quando necessário a mitos timorenses que possam de alguma maneira resolver aquilo que dificilmente se afigura resolúvel. Assim, contra a mentira, contra a incúria, contra a fome, invoca-se o Tata-Mai-Lau, e o poeta oferece-se sacrificialmente, como sinal da aliança de outras eras. Mas esta aliança significa muito mais do que isto: que afirmações reiteradas de que os timorenses são irmãos valem também pelo respeito e assumpção da sua cultura.

Podemos dizer, embora correndo o risco de generalizar, que os poemas destes livros se inscrevem numa grande linha, a do conhecimento de um povo e da sua cultura, cuja descaracterização se faz acompanhar de denúncia violenta. Prova de amor, de que *Timor-Amor* se reclama. É aqui que, de forma mais veemente, se acusa a incúria dos Portugueses para com Timor e o seu abandono ainda.

"Premonição" e "Vaticínio" são já poemas de uma impotência assumida face a uma perda que se adivinha inevitável, apesar do "Realismo Político" que é forçosamente subjectivo pelo que o adjectivo político já em si contém.

Se os Timorenses quiserem ser Indonésios,
passem para o outro lado.

Se os Timorenses quiserem ser Portugueses,
têm-me a seu lado

Se os Timorenses quiserem ser independentes.
Construam-se⁴¹!

O poema "Amor", em que pela primeira vez se exalta a mulher ilha, é a confissão dolorosa feita por alguém que sente perder um tesouro, a sua "segunda Mãria", consciente do emudecimento do canto em concomitância com o próprio apagamento de Timor.

Agora o provérbio alentejano citado como fecho para este ciclo de poemas surge no original, logo seguido de uma variante: «O que for soar/ mas não será de sino de cortiça/ com badalo de lâ⁴⁵».

A adversativa que na variante proposta substitui a concessiva é significativa da revolta daquele que se irmanara com Timor, daquele que em rito de sangue unira o seu nome de Cinatti ao de Ximénes, mas também das estrondosas consequências advenientes das premonições.

Já os poemas de *Ali também Timor*, de 1977, são de uma saudade definitiva e irremediável.

Apesar do amor, Timor ficou. Ficou também a impotência daqueles que assistem, ainda hoje, morto já Cinatti, mas não o seu grito, à expressão da mais cruel arbitrariedade.

(Não verei mais a ilha dos veados,
Jaco chamada, onde morrem de sede
meus sonhos, as minhas realidades,
como se falasse contra uma parede
e de longe molhasse os lábios numa fonte seca...) ⁴⁶

E os "Cemitérios de Díli e outros de Timor", visitados em *Paisagens Timorenses com vultos* estão agora cheios de outros vultos, de outros corpos, brutalmente arrancados a uma vida que não se adivinhava ainda cumprida.

Notas

- 1 Citado por Luís Fagundes Duarte, *Jornal de Letras*, nº156, 1985
- 2 *ibidem*
- 3 citado por Maria Margarida Calafate Ribeiro, Ruy Cinatti- Em trânsito, (tese polícoopiada), Lisboa, 1993, p.28
- 4 Ruy Cinatti, *Obra Poética*, Lisboa, Imprensa Nacional Casa da Moeda, 1992, pp.49-50
- 5 «Este desdobramento corresponde ao processo global da *Crónica*, em que a voz do autor-Cinatti se faz pela voz do autor cabo-verdiano inventado - J. C. Delgado que por sua vez se multiplica nas vozes das várias figuras apresentadas.» Nuno Vidal in "Ruy Cinatti, que Jaz nos Arquipélagos", *A Ideia/Revista de Cultura e Pensamento Anarquista*, nº44/45, p.40.
- 6 Ruy Cinatti, *op. cit.* p.161
- 7 *idem*, p.171
- 8 *idem*, p.182
- 9 *idem*, p.166
- 10 *idem*, p.176
- 11 *idem*, p.181
- 12 *idem*, *ibidem*
- 13 *idem*, p.182
- 14 *idem*, p.192
- 15 *idem*, p.351
- 16 *idem*, *ibidem*
- 17 *idem*, p.353
- 18 *idem*, p.366
- 19 *idem*, p.367
- 20 *idem*, p.374
- 21 *idem*, p.379
- 22 *idem*, p.380
- 23 *idem*, p.369
- 24 *idem*, p.368
- 25 *idem*, p.354
- 26 *idem*, p.368
- 27 *idem*, p.364
- 28 *idem*, p.370
- 29 *idem*, p.264
- 30 *idem*, p.106
- 31 *idem*, p.267
- 32 *idem*, p.270
- 33 *idem*, p.284
- 34 *idem*, p.285
- 35 *idem*, p.485
- 36 *idem*, p.546
- 37 *idem*, p.513
- 38 *idem*, p.505
- 39 *idem*, p.524
- 40 *idem*, p.523
- 41 *idem*, p.527
- 42 *idem*, *ibidem*
- 43 *idem*, *ibidem*
- 44 *idem*, p.478
- 45 *idem*, p.480
- 46 *idem*, p.638